

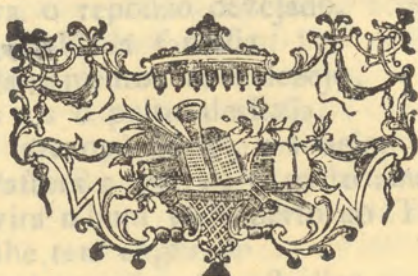
85
DURIANO,

OU

A TRISTE SOLEDADE
DA PASTORA ALCIPE.
ECLOGA PASTORIL.

COMPOSTO POR

A. J. R.



LISBOA

Na Officina de FRANCISCO BORGES DE SOUZA.

ANNO M. DCC. LXXXVII.

*Com Licença da Real Meza da Commissão Geral sobre o
Exame, e Censura dos Livros.*

BURIANO,
 OU
 A TRISTE SOLEDADE
 DA PASTORA ALGIBE,
 ECOLOGA PASTORIL.
 COMPOSTO POR

Qual libico Leão, qual tigre Hiscano,
 Negará desuzada piedade
 A lastima tamanha, a tanto damno?



Bernardes.

LISBOA
 Na Officina de FRANCISCO BORGES DE SOUZA

Anno m. dcc. lxxxviii.
 Com Licença de Real Magestade do Conde de Oporto
 Excmo. e Capm. do Livro.

DURIANO.

ECLOGA PASTORIL.

OLINO, E ALCIPE.

Tinha chegado ao meio a noite feia:
 O Lavrador chamava ao curvo arado
 O guarda de Mavorte, e Cytherea.
 Na molle palha Olinho reclinado,
 Por mais que o corpo languido volvia,
 Não achava o repouzo dezejado.
 Lutando na escaldada fantasia
 Os feros pensamentos co'o dezejo,
 Em tristes ais o peito desfazia.
 Cauzava-lhe este mal forte, e sobejo.
 D'huma Pastora a graça, e gosto amado,
 Que elle vira n'hum valle perto ao Tejo.
 A noite se lhe tem afigurado
 No collo adormecêra das estrellas,
 Qual quando Alcides forte foi gerado.
 Da alva Mãi de Memnon as luzes bellas
 Por entre rotas nuvens scintilavaõ,
 Mudas, e tristes 'stavaõ Philomellas.
 A' longa e rouca voz com que abalavaõ
 Feros troyões, os montes sobranceiros,
 Os astros em coriscos se tornavaõ.
 Mas nada impede Olinho, e co' os cordeiros
 Que os focinhos juntavaõ de medrosos,
 Atravessava huns asperos oiteiros.

E chegando a esses campos venturosos
 Do valle aonde Alcipe ontem estava,
 Sentou-se n'huns penedos pedragozos.
 Alli fantazia lhe mostrava
 Aquella linda face, onde entre a neve,
 E roza, Amor as Graças affagava.
 Huns olhos que co'hum terno geito leve,
 Fallão aos corações tão docemente;
 Que a resistir-lhe algum já mais se arêve.
 A macilenta luz do raio ardente
 O rosto lhe lambendo, o deslumbra a
 Em vão, que nada teme, nada sente.
 Mas já Eolo os ventos ferrolhava,
 Carregado o semblante, téro, e irado:
 Eo medonho trovaõ já não bramava.
 Hum dia, bem que triste, socegado,
 No carro onde os Ethontes escumava,
 Trazia Delio ao Téjo prateado.
 Sonoros os regatos murmuravaõ,
 Choroço estava o lirio, e os ulmeiros
 Do Zefiro abanados gatejavaõ.
 Cantavaõ doces melros nos loireiros,
 E Phebo de entre a nuvem 'sfarrapada.
 Abrilhamtava os humidos oiteiros.
 Debaixo d'huma faia alta, e copada
 Lá na encosta d'hum cêrro allaz visinho,
 Chevava a bella Alcipe suspirada.
 N'hum estrado de relva, e rosmaninho,
 Sentada, assim cantando se queixava,
 Dançando-lhe ao som ledo o cordeirinho.
 Não sabia que Olinos a escutava,
 O qual de Alcipe linda ouvindo a voz
 Co a doce frauta o canto acompanhava,
 Que

Que troceu sua esp'rança em pena atroz.
Alicpe. Em quanto eu triste choro, ovelhas minhas
 Dormide alfocegadas,
 Saltei, comei as humidas ervinhas.
 Ah que apressadas
 Voão nos gostos,
 E descansadas
 Adormecem as horas nos desgostos!
 Tudo quanto me escuta se entristece
 Neste valle viçolo;
 Como que de me ouvir se compadece,
 No froixo umbroso,
 Zefiro brando,
 Geme piedoso
 As verdes, tenras folhas abraçando.
 O pintacirgo solta entre a verdura
 A doce voz canora;
 Soluçando o acompanhas a lapa escura.
 A fonte chora
 Beijando o seixo;
 Como que a fôra
 Enternecendo o mal de que me queixo.
 Banhada a roza vendo em fresco sangue
 D'hum moço desgraçado,
 Como o lírio, e jálmin desmaia exangue!
 Todo encurvado
 Sobre a agua pura,
 E namorado,
 Como inda olha Narciso a van figura!
 Que tragedias me contaõ fataes,
 (Por consolar-me creio)
 As flores, ervas, aves, e animaes!
 Mas quanto alheio,

(Bem que em meu damno)
 Teu caso feio ,
 Está de me esquecer , oh Duriano !
 Porém que som he esse terno , e brando
 Que minhas vozes tristes acompanha ,
 Lá por detras do cêrro modulando ?
 S'he frauta de Pastor , quanto he estranha
 Por sua melodia , nestes prados ,
 E quanto o som das outras , rude , canha !
 Mas elle continúa os doces brados ;
 Vou me seguindo á voz terna , e sonora ,
 Darei , se poder ser , tregoa a cuidados ,
 Erguei-vos meus cordeiros , porqui for :
 Vamos : e vós rafeiro , correi ledo ,
 Acompanhai o gado , e a Pastora .
 Lá diviso hum Pastor sobre hum penedo
 Assentado tocando : porqui vou .
 Quero ser curioza com segredo .
 Mas ah que elle me vio , e se callou !
 Irei sem mais reparo por diante ;
 Não cuide elle seu canto me encantou ,
 Porém vejo tristeza em seu semblante ,
 E suspira tambem de quando em quando :
 Não sei se vá fallar-lhe ou passe avante . . .
 Por perto passarei ao ir voltando ;
 Porém sem lhe fallar , que elle , he provavel ,
 Quando menos , me salve ao hir passando .
 Consolar-m'-hei com outro miseravel
 Já que não pôde ter meu mal melhor :
 Mas já bem perto estou Que geto amavel !
 Abaixai vos meus olhos , que elle chora
 E andai meus cordeirinhos , meu rafeiro .
Olino. Salve-nos a ambos , Deos , muda historia .

Alcipe. Senão te saudei, Pastor, primeiro

Foi por não distrahir-te a fantezia,

Naõ culpes o meu modo de grosseiro.

Deos te salve, e te dê tanta alegria,

Quão grande me parece a pena tua;

Se com Deos meus desejos tem valia.

Olino. Os cornos não juntou ainda a Lua,

Qu' humma, doce esperança me mantinha,

A qual me roubou hoje a sorte crua

Parece que a Fortuna a ambos asinha,

(S'hes a que além cantou com vozes tristes)

A ambos creou na estrellla mais mesquinha.

Alcipe. Eu sou, bem que me pêza, ella que ouvistes,

E já bem no teu rosto divizei,

Que, qual eu, á má sorte em vão resistes.

Logo mal que te vi me recordei,

Como o Ceo nas desgraças me ajuntava,

Com quem distante, e alheia me criei.

Olino. Por isso aqui, Pastora, te estranhava

Nestes campos, amada patria minha:

E quem podesses ler em vão julgava.

Já hontem por aqui te eu visto tinha

Vagares pensativa com teu gado;

Mas quem fofces á idéa me não vinha.

E por mais que depois tinha pensado

Quem serias de todas as da Aldeia,

Nunca dei boa conta do recado.

Dê-te tambem o Ceo melhor estreia,

(Assim como te pêza a meu tormento)

Cá nesta donde vives terra alheia.

Alcipe. Deixa que nesta pedra tome allento,

E em quanto passe a molle relva o gado,

Ouve, triste Pastor, meu sentimento.

Mas espero tambem tu obrigado
 Desta condescendencia, contes logo
 A razao porque estás tao magoado.
 Que ás vozes me desculpes, já te rogo,
 Se me elcapar algum terno suspiro
 D'huma trille o mesquinho dezaffogo.
 Naõ me criei nos ares que respiros
 Daqui longe nasci: fui desgraçada
 Na patria, e mais o sou neste retiro.
 Amei a hum Pastor, e fui amada
 D'elle com toda a fé, toda a firmeza:
 E das da Aldeia todas invejada.
 De raras perfeições a Natureza
 Tinha dotado o moço Duriano:
 Bom genio, boas manhas, e belleza.
 Bem que rico, era alegre, meigo, e lhano;
 No canto, arrabil, baile, era o primeiro;
 Porém nada o fazia mais ufano.
 Amei-o, e elle a mim, com verdadeiro,
 Doce, e honesto amor, (como contava)
 Contra o gosto de Pai rude cabreiro.
 Quaõ lida á sombra as festas que passava
 En terno dezaño ambos cantando,
 Ao som do arrabil que elle tocava!
 Hia com baixa voz acompanhando
 O monte, as cantellenas amorozas,
 Zefiro espirava a flor beijando.
 Do Tejo com as penhas pedragosas
 As ondas abraçadas, escutavaõ
 O som que adormentava as lindas rozas.
 Os ternos passarinhos se calavaõ,
 E só Tithaõ ás vezes lá ralhava;
 Fructo de annos que já o enfastiavaõ.

Depois quando o maior calor passava,
 E na aveleira o zefiro rosnando,
 As crestadas folhinhas espalhava.
 Então os sons das aves escutando,
 Estava-mos the noite pelo prado
 Alegres rindo, ledos conversando.
 E já quando escondido no falgado
 Mar, o Sol nas nuvens engastava
 As poeiras, e lirios no doirado.
 Cada hum seus cordeiros rebanhava,
 E com hum terno adeos triste penando,
 Contra vontade hum do outro se apartava.
 Mas apenas no Ceo vinha raiando
 O claro dia, ao campo assignalado
 Cada hum hia o gado encaminhando.
 Pelos matos agrestes espinhado,
 As mais das vezes já quando tu chegava
 O via: tendo ao rafeiro entregue o gado.
 Da mais madura fructa que cortava,
 Entre seus verdes ramos, n'hum cestinho,
 Em signal de esperanza me offertava.
 Tambem vivo trazia o passarinho,
 A que o ramo prendêra que enviscára;
 Ou que tinha frutado á mai do ninho.
 O Tralhaão, e Pardal, a que elle armára
 As couzas que os enganaão, e as costellas:
 E o Tordo enforcado inda na vara.
 As Perdizes, de gordas amarellas,
 Na varinha co'as Rôlas enfiadas,
 Que vieraão cahir nas esparrellas.
 As Lebres pelos pés dependuradas,
 Que com manhas ganhára na carreira,
 Ainda do caçado ensanguentadas.

Também trazia a lenha que a fogueira
 Havia de milter , para guizar-se
 O jantar de que eu era a cozinheira.
 O dia , e anno , como sem passar-se ,
 Passava para nós ; sempre contentes.
 Mas quem pôde em Fortuna confiar-se !
 Ao Pai do Duriano , e seus parentes ,
 (Talvez pondo vareja em nosso trato
 Nos acuzárao linguas maldizentes.
 Toma o Cabreiro rude por barato
 Mandar que me não visse Duriano ;
 Senão lhe chegaria á pelle o fato.
 Em vão chora o Pastor seu fero damno
 Pedindo ao Pai consinte a mão me dele ;
 Nada o cabreiro abranda , tão tyranno
 Queria o Pai , Pastora que tivesse
 Mais gados do que a pobre Alcipe ti ha ;
 Bem que em amor ás outras excedesse
 Contar-me a sua sorte tão mesquinha
 Mal que pôde , o Pastor veio chorando :
 Sem saber que fazia , ou a que vinha
 Fomos-nos pouco a pouco consolando ,
 The que por fim fugir determinámos ;
 Outro meio de alivio não achando.
 Os nossos dois rebanhos juntamos ,
 E do alvo Tejo pela torta beira ,
 D'huma , the outra Lua , caminhamos
 Pario nos aqui perto huma cordeira ,
 E balando deixava os seus filhinhos ,
 E nos seguia , triste , na carreira ,
 Morrido tinhaõ quinze cordeirinhos ,
 E a cada passo os mais tristes gemend ,
 Cansados se agachavaõ nos caminhos.

(II)

Alentamos então, hum sitio vendo
 Para o fim d'este valle retirado,
 Ficar-mos nelle, andar mais não podendo.
 Logo cuidando, (ainda que cansado)
 Foi n'huma choça o meu Pastor amante;
 E tambem n'hum abrigo para o gado.
 Não estava já do fim a obra distante,
 Quando hum dia, ... oh dia feio, e horrendo!
 Quanto me custa o passar daqui avante...!
 Quando hum dia tremendo, que foi, digo,
 cortar para o abrigo os verdes troncos:
 Lá entre huns ramos brancos occultado
 Hum aspide damnado, o venenoso
 Dente, cravou raivoso na mão sua.
 Da dôr mortal, e crua, estallado,
 Larga o feixo apressado, e em altos ais,
 Com passos disiguais triste correndo,
 Bulcar-me vem gemendo. O caso feio
 Reclinado em meu seio lhe ouvi todo:
 E em gritos d'este modo em meu regaço,
 O tive o tempo escasso que lhe a sorte
 Hia antes da morte concedendo.
 Já, em fim, lhe pendendo via os braços,
 De fortaleza escassos, para o chaõ:
 E já seu coração atenuado
 Do corpo desleixado não cuidava.
 Apenas lhe escapava algum ai terno,
 Que la do seu interno o triste estado,
 Ao coração gelado, meu, mostrava;
 Que em lagrimas saltava d'este peito
 Pelos olhos desfeito, aos sons fataes
 De penetrantes ais internecidos,
 Que a seus tristes gemidos se ajuntavaõ.

En-

Então vi se voltavaõ para os meus
 Seus olhos, os a Deos finaes lhe dando:
 E hum pouco exforçando as debeis vozes,
 Que partiaõ atrozes tristes ais,
 Já nas ancias mortaes me disse assim.
 Já da cruel Morte, em fim, Alcipe minha,
 Que as forças me definha..., a sombra espella
 Me engelha abaface empeça o coração...:
 E os olhos se me vão já enluctando....
 Deva a teu gesto brando..., Alcipe linda...,
 Humia lembrança ainda que pequena....,
 A mais mesquinha pena..., hum desgraçado...:
 E seja perdoado... com ternura.....
 Qual esta... desventura... minha..., amada...
 Al....ci....E apegada lhe a voz aos dentes fica,
 A cabeça lhe embica para o peito,
 E co'hum suspiro estreito nem ainda
 Aquelle, Alcipe, finda antes da Morte.
 Da dôr tyranna, e forte atassalhada
 Por terra desmaiada entãõ cahi:
 E tanto que sahi deste lethargo,
 Bradando, em pranto amargo soçobrada,
 A meus ais lasti nada, só ouvia
 Bradar-me a lapa fria, e a penha dura.
 Envolta em sombra escura, a passos mancos
 Vinha a noite a descãos convidando.
 Andava já balando pelo prado
 A' desventura, o gado triste, errante
 Mas eu o terno amante não deixei:
 A par delle chorei the o outro dia,
 Entãõ a terra fria com hum rudo
 Duro feixo bicudo, fui cavando,
 Com meu pranto a amolgando, bem que dura

A abrir a sepultura puz tres dias.
Cercadas de agonias, sem comida,
La quando enfraquecida me cansava,
No peito descansava hum breve instante
Do meu livido amante desgraçado.
Já a terra seperado para eterno,
Hia o amante terno pôr da espoza.
Que scena lastimosa ! Vós que a vistes
Sombrios valles tristes a dizeis.
Em fim á terra dei o corpo amado :
Ainda hoje chorado, e em quanto eu viva.
Comigo mesmo esquiva, entrestecida,
Cuidar da triste vida não cuidava.
Já a fome devorava as abrazadas
Entranhas, desecadas com meu pranto.
Porém desse Deos Santo ; e amante Lei,
Então me recordei : cuidei da vida
Mais triste, e dezabrida do que a morte.
He esta a triste sorte de que ouviste
Queixar-me ao depois triste, perto á dura
Terra, da sepultura do meu bem :
Vê lá, como eu quem mais desgraçada !
Porém não digas nada da que ouvistes
De minhas penas tristes, triste historia,
E dá-me agora a gloria de saber
Tambem teu padecer, Pastor queixozo.
Olino que amorozo se perdia
Pela Pastora linda, e que perdida
Já de todo a esperança sua via.
Com voz a cada passo dividida
Co' os magoados suspiros da dôr fêra
Assim tornou a Alcipe intristecida.
O'ino. Prouvera ao Ceo piedoso que podéra
De.

Declarar-vos também a pena minha
 Para que vos assim correspondêra.
 Mas previsto, em meu damno affaz i tinha,
 (Tal he de meu mal forte a natureza)
 Que dizer-vos-la nunca me convinha
 Deos sabe o quanto, Alcipe, isto me pêza,
 Corresponder Olino te devia;
 E affiz me reprehendo esta dureza
 Porém far-t'hei nas dores companhia
 Regarei com meu pranto a sepultura
 Deste teu terno amante triste, e fri.
 Verás furar meu pranto a terra dura
 Até que com as cinzas se abraçando
 As consolem na sua desventura.
 Hir-t' hei também nas penas consolando,
 Qual pôde hum descontente, e desgachado
 Que também sua dôr está chorando!
 Não te pêze Pastora, haver contado,
 A tua triste sorte fêra, e esquiva;
 Bem que eu te oculte o meu tão cruel fado.
 Contente-te o saber que inda ha quem viva,
 Com sua alma (qual eu triste Pastoa)
 Do mais cruel, e fêra dôr captiva.
Alcipe. Ou sintas, ou não sintas, desde agora
 Te digo Pastor duro, que me pêza
 Ter-te contado quanto esta alma chora.
 Nunca cuidei que ouvesse natureza
 Taõ fêra, taõ cruel taõ dezabrida;
 Nem como a tua, Pastor, de tal dureza.
 Assim disse choroza, e entristecida
 Alcipe, em quanto o gado rebanhava:
 E afflicta se foi, e arrependida.
 Ao meio do Ceo o Sol chegava:

(15)

A' sombra o Boi o pasto remoia :

E languida a flor tenra se encurvava.

Alcipe se acolhendo á sombra fria

D'huns altos freixos, verdes, e frondosos ;

Triste na mente o caso revolvía.

Olino nos penedos pedregosos

Em huma dór estúpida gemendo,

Nem ouza erguer os olhos seus chorosos.

As lagrimas que em fio vão correndo.

Pelo seu rosto a baixo, saõ as vozes

Que quanto afflicto he o peito estaõ dizendo.

De mil cuidados horridos, e atrozes,

Lhe cerca amor cruel a triste idéa :

Quaõ podéraõ ser doces, taõ ferozes.

De suspiros, e ais ó ar semeia :

Chora Alcipe assim ver, chora assim ver-se :

E qual sua sorte foi, tyranna, e feia,

Mais he para pensar-se que escrever-se.

F I M.

